PROJETOS AFETIVO-SEXUAIS POR ADOLESCENTES E SEUS PAIS

Márcia Stengel – PUC Minas – marciastengel@gmail.com
Stella Maria Poletti Simionato Tozo – PUC Minas – stellatozo@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

A família vem sendo objeto de estudo das Ciências Humanas e Sociais, principalmente nas últimas décadas. Durham (1983) aponta a inclinação que se tem no senso comum de "naturalizar" a família pelo fato de se tratar de uma instituição que diz respeito à regulamentação social de atividades de base biológica (o sexo e a reprodução), e não de percebê-la como uma criação humana passível de modificação.

Romanelli (1986) afirma que a família assume diversas configurações, o que ressalta a presença de regras culturais, afastando a fundamentação natural para sua existência. Pensando a família nestes termos, admite-se que ela apresenta alterações de cultura para cultura e de um momento histórico para outro, sob a força de macrovariáveis que determinam sua existência, bem como os papéis a serem desempenhados pelos elementos que a compõem.

Deste modo, parte-se da ideia de que a família se altera devido a amplas variáveis sociais, ao momento histórico e pela cultura em que está inserida. Ao assimilar o que lhe é externo, a família modifica e devolve à sociedade um novo produto, que por sua vez o altera indefinidamente (BIASOLI-ALVES, 1995). A família descrita deste modo está sempre em constante mudança, seja em sua organização ou configuração.

Para Singly (2000), o modelo de família atual pode ser denominado de "individualista e relacional". Esta família "corresponde à instauração de um compromisso entre as reivindicações dos indivíduos em se tornarem autônomos e seus desejos de continuar a viver, na esfera privada, com uma ou várias pessoas próximas" (SINGLY, 2000, p. 15). Esta família não é um rompimento radical em relação à família tradicional anterior, mas uma extensão na medida em que se tem uma ênfase maior ainda no amor, ou seja, agora o amor é condição e justificativa para que os cônjuges permaneçam juntos, dando mais atenção ainda às crianças. O processo de individualização ganha maior importância, transformando a família em um espaço privado a serviço dos indivíduos e tendo como elemento central os membros que a compõem.

No entanto esse modelo familiar leva a um grau muito mais elevado de tensão do que o modelo tradicional, que se manifesta em diversas esferas. Assim, o amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho, antes vividos segundo papéis preestabelecidos, passam a ser concebidos como parte de um projeto em que o indivíduo conta decisivamente e adquire cada vez maior importância social. A manifestação da individualidade marca o sentido das mudanças atuais, que têm implicações nas relações familiares, fundadas no princípio da reciprocidade e da hierarquia. A predeterminação dos papéis e funções sexuais, as obrigações entre pais e filhos, o exercício da autoridade, as questões dos direitos e deveres em família hoje são objeto de constantes negociações, passíveis então de serem revistos. Sarti (2003) comenta que se vive em um tempo repleto de alternativas e, ao mesmo tempo, muito normativo.

Sendo assim, a família é vista como fruto de contínuas negociações e acordos entre os membros, tendo ela e estes a duração que tiverem, e sendo fruto de escolhas interindividuais, as vidas familiares serão cada vez mais idiossincráticas e fluídas. Partindo dessas premissas, esta pesquisa, financiada pela Fapemig, pretendeu

compreender a significação atribuída pelos adolescentes e seus pais a sua família de origem, sua família atual e a família que imaginam que seus filhos constituirão.

2. METODOLOGIA

Foram entrevistados sete adolescentes, entre 15 e 19 anos, de ambos os sexos, das camadas médias de Belo Horizonte, e com quatro mães e um pai dos adolescentes entrevistados para a construção dos casos a serem estudados. Estes adolescentes foram escolhidos através de rede de contato das pesquisadoras. Entrevistamos adolescentes que fazem parte de famílias monoparental feminina e nuclear, na intenção de abarcar de forma mais abrangente o universo atual de modelos familiares, sendo estes modelos os mais recorrentes.

A caracterização dos entrevistados pelo nível socioeconômico deu-se de acordo com a escolaridade e a profissão dos pais. Este critério se justifica tendo em vista o capital cultural e o acesso a bens simbólicos que circulam entre as famílias. A intenção em trabalhar a camada média justificou-se pelo fato de que as transformações sociais e familiares, as mudanças de valores e comportamentos têm lugar privilegiado entre ela.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. Este número de entrevistas foi suficiente para oferecer a diversidade buscada e para propiciar uma análise mais aprofundada. Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A identificação dos participantes foi mantida em sigilo e para tal, nomes fictícios foram adotados no relatório final. No sentido de facilitar a leitura, os pais entrevistados têm nomes com a letra inicial correspondente à letra do nome dos seus filhos. A análise do material foi feita na perspectiva da análise do discurso, que, como apontado por Vala (1986), é uma técnica privilegiada para tratar o material recolhido.

3. RESULTADOS

3.1. Família e casamento: expectativas dos pais e projetos afetivos dos adolescentes

Mesmo com as transformações vividas na família, o casamento e a constituição de uma família é um projeto recorrente entre os adolescentes entrevistados e seus pais. Os jovens são unânimes em afirmar sua intenção de casar e possivelmente ter filhos. Eles pretendem se casar no civil e no religioso, morar na mesma casa e compartilhar as despesas. A ordem é que o plano de casamento realize-se após a formatura em um curso superior, seguida pela estabilidade profissional e financeira. Esse discurso é compartilhado tanto pelos meninos quanto pelas meninas.

> *Então, mais fácil uma coisa assim de cada vez, aí primeiro estuda, aí arruma emprego, se tiver condição eu sei quantos filhos eu vou poder ter e é melhor assim do que ter tudo de uma vez e não conseguir fazer nada*. (Lívia)

Os projetos dos pais entrevistados vão ao encontro daqueles imaginados pelos filhos. Também esperam que seus filhos se casem, constituam uma família, mas como um projeto a longo prazo, pois requer uma estrutura que hoje os jovens não podem ter. Deste modo, os principais planos dos pais para seus filhos estão ligados ao estudo no curto prazo e, futuramente, incluem a constituição de família.

> *E eu falo pro meus filhos: casar, mas casar assim, quando tiver preparado, com a vida pronta, porque depois fica difícil. Então tem que primeiro preparar, pra só depois casar, né. Estudar, formar, arrumar um emprego legal, então só assim pensar.* (Marina)

A possível família futura de seus filhos é pensada seguindo o arranjo da família nuclear conjugal, implícita ou explicitamente, como na fala de Vivian: *"Eu acho que é*

importante o modelo pai, mãe e filho. (...) Por isso eu quero que o meu filho seguia esse modelo." Também ter filhos surge relacionado à naturalidade deste fato: "*Vai casar, vai ter filhos.*" (Alice) ou "*Lógico, qualquer ser humano quer ter filho. Eu acho que Vítor deve querer ter mais de um filho...*" (Vivian)

O casamento é valorizado pelos adolescentes, que, em sua maioria, pensam-no pautado no amor e com sua duração "para sempre". Essa perspectiva só foi relativizada por Vítor, que viveu a experiência de separação dos pais. Talvez por isso ele afirme: "*Quero casar, mas sem a inocência de, de achar que é perfeito e que vai durar pra sempre.*" Mas, na sequência da entrevista, ele diz:

> *É que o casamento é pra sempre. O morar junto é aquela coisa mais assim, se um dia acontecer alguma coisa a gente simplesmente pega as coisas e vai embora. No casamento não, tem que ter divórcio, tem que ter separação de bens. Tem que olhar tudo bonitinho, né? E eu acho que o casamento e o divórcio dão uma importância a mais. Só o morar junto e o arcar é uma coisa como se fosse mais comum.*

Aqui ele aponta uma contraposição entre casar e morar junto, compartilhando uma ideia recorrente em nossa sociedade. Podemos pensar que essa contraposição feita por Vítor fala de sua percepção relativa a compromisso. A valorização do casamento pelos adolescentes articula-se com a percepção que têm de compromisso e seriedade. Desta forma, uma relação séria é aquela compromissada, ou seja, na qual há um acerto de regras e obrigações entre os parceiros, compartilhadas entre eles e com o círculo social próximo, incluindo aí familiares e amigos. Desta forma, o casamento religioso e/ou civil marca essa lógica e seria uma garantia do acordo estabelecido entre o casal. A contraposição também pode ser pensada como uma solução de compromisso entre o ideal – desejo de um casamento para sempre – e a realidade – o aumento do número de divórcios atualmente.

> A consideração feita acima por Vítor é, em certo sentido, percebida por Artur, pai de uma adolescente entrevistada:
> *Eu creio que cada vez mais eles vão viver essa confusão da modernidade, né, com mais intensidade que nós. Então, nesse sentido, eu acho que vão ser diferente. Apesar de que eu acredito muito na instituição família, cada vez eu vejo que o mundo moderno tem perdido um pouco dessa preciosidade da família.*

Ainda que Artur perceba que as escolhas na contemporaneidade são mais fluidas e possíveis, e que a família como instituição tem sido cada vez mais questionada enquanto espaço adequado de convivência, para ele, como para os outros pais entrevistados, a família permanece como um valor.

3.2. Ideal de parceiros

Para realizar os projetos afetivos, que incluem casamento e parentalidade, os adolescentes idealizam quem seriam seus parceiros e as características que estes devem ter. Como pensam que a base do casamento é o amor, este é o primeiro ponto enfatizado: "*(...) amar a pessoa e tem que ser recíproco, não pode eu só gostar dele e ele não gostar de mim.*" (Ana)

A amizade e o companheirismo entre o casal também são valorizados: "*Tem que ter uma cumplicidade também, uma harmonia entre os dois, ser feliz e se sentir feliz fazendo o outro feliz*". (Ana)

Stengel (2003) aponta que há uma relação direta entre fidelidade e seriedade no relacionamento para os adolescentes. Desta forma, quanto mais séria é considerada a relação, maior a exigência de fidelidade entre os parceiros. Essa lógica também está presente entre os nossos entrevistados. Tanto os meninos quanto as meninas afirmam que a fidelidade é um fator importante para a relação afetivo-sexual, especialmente o casamento.

A idealização do(a) parceiro(a) pode ser resumida na ideia do encontro da alma gêmea. Alguns entrevistados afirmam acreditar que exista uma alma gêmea, ou seja, uma pessoa que complete o sujeito e com quem vá ser muito feliz. Vítor explica o que é a alma gêmea:

> *Vivem a vida inteira juntos, têm os filhos, tudo bonitinho assim. O casal perfeito. Aquela coisa assim, tem os problemas e tudo mais, mas sempre estiveram juntos, sempre... Um amando muito o outro, acho que isso é alma gêmea, encontrar uma pessoa que te completa perfeitamente, uma pessoa assim que na primeira conversa, no primeiro abraço, cê já sabe que com aquela pessoa cê ter um tempo pro resto da vida com ela.*

Encontrar a alma gêmea não parece aos entrevistados uma tarefa fácil, provocando-lhes dúvida, inclusive, quanto à possibilidade de encontrarem a sua. Ele próprio tem dúvida desta possibilidade em sua vida: *"Eu sinceramente acho que não vou achar uma alma gêmea. Não sei nem se isso existe." (Vítor)*

Os pais entrevistados também têm expectativas quanto aos companheiros que os(as) filhos(as) virão a ter. Entretanto, parecem idealizar menos do que os adolescentes. Poderíamos mesmo esperar por isso, pois os pais já tiveram experiências afetivo-sexuais, se não necessariamente em maior número, por mais tempo que seus filhos. Assim, Artur afirma:

> *Mas, em termos de relacionamento, né, a gente vê casos e casos, né. Eu acho que não existe ninguém 100%. Eu acho que é importante as pessoas entenderem isso, e que todos têm suas virtudes, seus defeitos, né. E eu acho que num relacionamento cada um ajuda o outro a crescer, né, e a amadurecer e a ser melhor enquanto pessoa, né.*

Se, a princípio, os entrevistados responderam focados nos sentimentos dos filhos e em valores como amor, companheirismo, fidelidade, ficou claro que outros valores aparecem para os futuros parceiros, como a questão de gênero. Marina, mãe de dois adolescentes do sexo masculino, ressalta quanto às companheiras ideais para os filhos: "*acho que tem que ser uma pessoa que goste de mexer com casa, cuidar dos filhos."* Já Cíntia, mãe de duas garotas, pensa também nas características, a seu ver positivas, de futuros genros: "*Uma pessoa com mais responsabilidade, né. Mais velho que elas, não sendo da mesma idade. Pelo, pelo trabalho, uma coisa fixa, porque só estudando, né. Queria isso!"*.

O casamento hoje é pautado na livre escolha dos parceiros, sem que haja interferência da família. Neste sentido, os pais afirmaram que só aconselhariam ou interviriam nessa escolha em casos excepcionais, como parceiros que utilizam drogas. Caso contrário, *"não vou atormentar com a opção dele. (...) comigo não tem estas besteiradas não, o importante é ele tá feliz com quem for, independente, né? (risos)"* (Vivian).

3.3. Relações afetivo-sexuais dos adolescentes e a visão dos pais sobre o tema

Tanto os adolescentes quanto os pais entrevistados falaram de dois tipos de relações afetivo-sexuais presentes no cotidiano dos jovens: o ficar e o namoro. O primeiro é um relacionamento datado da década de 1980 e pautado pela falta de compromisso entre os parceiros e pela efemeridade. Pode ter a duração de uma noite, uma festa ou um único encontro entre os parceiros. (STENGEL, 2003; CHAVES, 1994). Se é um tipo de relação bastante frequente entre os adolescentes, parece que nenhum dos pais entrevistados viveu o ficar em sua vida, o que pode dificultar-lhes a compreensão: "*Como eles dizem agora, namorada não tem não, esse negócio de namorar, quando a gente pensa que ta namorando, ta ficando. Vai entender, né. Eu não sou muito a favor desse negócio de ficar não, sabe.*" (Marina).

Entre os adolescentes não parece haver dificuldade em compreender o ficar, apesar de poder ser considerado positivamente – "*Esse negócio de ficar só pega a parte boa da coisa*." (Vítor) – ou negativamente – "*O ficar acho que desgasta muito*." (Carla)

Apesar de sua efemeridade e falta de compromisso, o ficar tem regras entre os jovens, que parecem que não são compreendidas pelos pais. Artur parece desconhecer as regras do ficar e interpreta equivocadamente o relacionamento que sua filha estabelece com um rapaz. Pelo seu relato, a filha e o rapaz mantêm uma relação mais descompromissada, com encontros esporádicos, mas que o pai caracteriza como um namoro.

> *A Ana tem, tem um menino que a gente brinca e eu falo: ó, Ana, pode arrumar outro, senão cê vai ficar sem namorado, né. Porque ela, eles se gostam, mas, é, fica, se encontram de 3 em 3 meses, de 4 em 4 meses... Eles se conheceram na escola técnica através de uma amiga, mas fica nesse... que eu saiba, ela não tem outro namorado.* (risos)

O namoro é contraposto ao ficar, pois há um envolvimento afetivo maior entre os parceiros e a fidelidade é colocada em cena (STENGEL, 2003). Também é visto como uma relação marcada pelo compromisso, assim explicado por Carla:

> *Acho que é cê sempre tá com a pessoa, a pessoa ser sua companheira. Principalmente amiga. Ela estar sempre nos seus momentos bons e ruins. Isso que quer dizer um compromisso sério. Um companheiro.*

De acordo com os adolescentes, o namoro: "*Deve ser uma coisa assim que cê deve ter mais tranquilidade, né... Cê não precisa, cê não precisa, né... Ficar armando. Cê tem uma pessoa pra fazer mais as coisas com você.*" (Vítor)

Um termômetro para a seriedade da relação é o envolvimento da família, ou seja, um namoro sério é aquele em que o(a) namorado(a) é apresentado(a) aos familiares e frequenta a casa.

Uma outra diferença apontada pelos adolescentes entre o ficar e o namoro refere-se às práticas sexuais. Em geral, o ficar não comporta a relação sexual entre os parceiros, já no namoro é possível e, muitas vezes, esperado. Ana nos esclarece:

> *Com ficante não [tem relação sexual]. Porque com ficante não é uma coisa séria, com namorado tem que ter uma relação de confiança muito grande, tem que saber que se você confia nele, que não vai ser uma coisa assim; tem que significar tanto para você quanto para ele, que você não vai ser só mais uma na vida dele, entendeu?*

Na época das entrevistas, Murilo e Carla estavam namorando há quase um ano. O casal usava uma aliança de compromisso, prática recorrente atualmente entre adolescentes, desde o terceiro mês de namoro. Carla conta que Murilo lhe fez uma surpresa em sua festa de aniversário ao lhe dar a aliança. Ao ser perguntada sobre o significado da aliança, ela diz:

> *Não sei te dizer o que passou na cabeça dele não pra me dar uma aliança não. Mas eu acho que foi pra ter um compromisso sério. Acho que quis dizer isso, que não quer brincadeira.*

Esses depoimentos dos adolescentes nos apontam que eles veem o namoro com seriedade, visão que parece não ser compartilhada pelos pais. Além de relatarem que, quando eram jovens, suas possibilidades de saídas e namoros eram mais restritas e controladas, as mães veem os relacionamentos hoje como menos respeitosos. *"É a criançada hoje, vamos dizer assim, eles ficam, não namoram, e a gente sabe, que na minha época a gente dava mais respeito..."(Vivian).*

A falta de respeito é localizada pelas mães na relação entre o par, e uma explicação para tal é a rapidez com que os relacionamentos são estabelecidos, impossibilitando ao casal um conhecimento mais amplo entre eles. Por outro lado, a falta de respeito aparece também em relação aos pais: *"Nessa, nessa questão de sexo (pausa), eles não respeitam mais pai, mãe e isso eu acho que assim o jovem de hoje abusa muito, pra eles estão tudo normal."* (Cíntia)

Parece que a grande dificuldade dos pais refere-se às práticas sexuais, já que atualmente a possibilidade de ter relações sexuais em um namoro menos compromissado está colocada.

> *Hoje o povo já transa sem conhecer. Isso é, se conhece, né? (...) Eles namoram dois, três dias e já estão transando, e eu acho que não é bem assim. Não é! Eu falo assim, nesse ponto assim, eu acho que é um abuso, entende?* (Cíntia)

Alice, que caracteriza sua filha como uma pessoa mais reservada, que sai pouco, preocupa-se justamente com o fato de a filha ter pouca experiência e quais poderiam ser as consequências disso em sua vida, principalmente quando ingressar na universidade.

> *Às vezes preocupa. A cabeça da gente também funciona assim, né. Aí, cê pára: minha filha vai entrar pra faculdade tão despreparada, cruazinha! Aí... Esse cruazinha que eu falo, é assim, de não sair, de nunca ter tido um namorado...*

Um ponto recorrente nas entrevistas foi a tentativa dos pais em aconselhar seus filhos. Eles se percebem como uma referência importante na vida dos filhos, até mesmo por serem mais experientes: *"a gente serve de referência. Gente tem que estar sempre atento, falando alguma coisinha. Muitas coisas, né! Não uma coisinha"*. (Marina)

Os conselhos se referem à vida em geral dos adolescentes, como os estudos e as amizades, mas parecem ser mais frequentes em relação à vida afetivo-sexual.

> *Eu falo com ele pra tomar as providências ou previdências, sei lá, né (risos), porque eu falo: Vítor, hoje em dia é muito complicado, esses negócios de ficar, por exemplo. Eu falo: você ande sempre com preservativo. Porque na hora até você ir procurar um preservativo na farmácia já viu, né. Então é melhor precaver (risos).* (Vivian)

> *E, com a Ana que tá saindo pra festinha agora. A Alice deve conversar com ela um pouco mais intimamente, porque ela fica*

> *com vergonha, né, mas, indiretamente a gente sabe que deve ter essa conversação sobre sexo seguro e coisas desse tipo.* (Artur)

As relações afetivo-sexuais dos adolescentes, ao mesmo tempo em que são alvo de preocupações e controles, também são esperadas. Quando os pais percebem que os filhos não se relacionam de um modo geral, ou de uma forma mais específica, eles podem aconselhar seus filhos neste sentido.

> *Eu fico: filha, ligar pra um rapaz que você até beijou na boca e convidar pra ir ao cinema, não é ser oferecida. Ser oferecida é pular no pescoço dele na frente de todo mundo, esse tipo de coisas. Permitir que ele logo de cara já vai passar a mão em você, isso é ser oferecida. Agora, convidar pra ir ao cinema... Porque, se você não ligar, ele vai pensar que você não está interessada nele.* (Alice)

As mães apresentam algumas estratégias na hora de aconselhar. Elas partem do princípio de que é sua função o aconselhamento dos filhos, mas entendem que se forem muito incisivas, pode não funcionar. Apesar de aconselharem, a dúvida da eficiência dos conselhos paira no ar e aí, os filhos devem se responsabilizar por seus atos. Como diz Cíntia: "*Conselho a gente dá, falar a gente fala, mas não quis ouvir, então, assume.*"

4. Considerações finais

A realização de entrevistas com os adolescentes e alguns de seus pais possibilitou fazermos um paralelo de como a família é vivida e pensada por cada um destes atores sociais. Tanto os pais quanto os adolescentes salientaram a importância da família. Os dois grupos acreditam que a família é uma relação básica e fundamental na vida de todos.

Há coincidência entre os projetos que os adolescentes fazem para si e os pais fazem para seus filhos. Temos assim que o casamento – e seu desdobramento pela parentalidade – é apontado como um horizonte possível e desejado por ambos os grupos de sujeitos entrevistados. Enquanto os pais esperam que seus filhos encontrem um parceiro que tenha um grau de escolaridade compatível com o nível socioeconômico da família, tenha amor, companheirismo e fidelidade, os adolescentes sonham com a "alma gêmea", ou seja, uma pessoa que os complete e que haja um amor recíproco.

Há um descompasso entre pais e filhos no que tange os relacionamentos afetivo-sexuais dos últimos. Enquanto para os adolescentes o ficar com alguém é uma prática comum entre eles e por isso, bem compreendida, para os pais há uma dificuldade de entendimento e até de aceitação. Este descompasso aponta para as diferenças geracionais.

Por fim, podemos dizer que a família, apesar de todas as transformações que vem atravessando nas últimas décadas, ainda é desejada e avaliada positivamente tanto pelos adolescentes quanto por seus pais. Além disso, os filhos esperam manter valores e práticas dos pais, mostrando-nos algumas permanências quando se pensa a família na atualidade.

REFERÊNCIAS

BIASOLI-ALVES, Z.M.M. *Família - Socialização - Desenvolvimento*. Tese de Livre-Docência, Universidade de São Paulo - FFCLRP, São Paulo, 1995.

CHAVES, J. C. *"Ficar com" - um novo código entre jovens*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1994.

DURHAM, E.R. Família e reprodução humana. In: Durham, E.R. et al. (Orgs.), *Perspectivas antropológicas da mulher 3*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

ROMANELLI, G. *Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo - FFLCH, São Paulo, 1986.
SARTI, C. A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M. C. B. (org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez Editora, 2003.
SINGLY, F. O nascimento do "indivíduo individualizado" e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C. E., SINGLY, F. e CICCHELLI, V. (orgs.). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 13-19.
STENGEL, M. *Obsceno é falar de amor? As relações afetivas dos adolescentes*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2003.
VALA, J. A análise de conteúdo. In: SILVA, A. S. e PINTO, J. M. (orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, 1986.